

# ADOLESCENTES E O USO DA TECNOLOGIA

Sara Malo<sup>1</sup>

Existem atualmente muitos pesquisadores interessados em saber, de uma perspectiva psicológica e social, o impacto que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tem sobre o desenvolvimento vital dos adolescentes. No caso da autora, este interesse começou em 2003, quando comecei minha carreira como doutoranda no programa de Psicologia e Qualidade de Vida da Universidade de Girona (Espanha). Desenvolvi meu treinamento pré-doutorado na Equipe de Pesquisa sobre Infância, Adolescência, Direitos da Criança e sua Qualidade de Vida (ERIDIQV). Todas as linhas de pesquisa da equipe compartilham o denominador comum de promover o bem-estar e a qualidade de vida das crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, compreender e melhorar suas vidas levando em conta a Convenção sobre os Direitos da Criança. Minha tese subscreveu-se à linha de pesquisa sobre o uso de meios audiovisuais entre adolescentes e adultos.

Naquela época, os estudos no campo das tecnologias não eram muito abundantes, portanto, a possibilidade de gerar novos conhecimentos psicológicos era muito ampla. Desde o início da minha formação como pesquisadora até agora, tenho podido desfrutar da coleta de dados e do aprendizado da experiência de crianças e adolescentes em relação ao uso de tecnologias. Por esta razão, vou dedicar este capítulo a compartilhar com o leitor as aprendizagens e reflexões relacionadas a três eixos temáticos que foram e são o foco de minha pesquisa: as culturas da mídia adolescente em torno do uso de tecnologias como os telefones celulares; os riscos e oportunidades relacionados a estes usos; e o uso excessivo e/ou problemático de tecnologias.

O início do meu caminho no campo da pesquisa foi com o desenvolvimento da minha tese de doutorado sobre Culturas da mídia adolescente focada no uso do telefone celular a partir de uma perspectiva psicossocial. (MALO, 2009). Estávamos no início do século XXI e o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) começava a penetrar fortemente na população adolescente (12-16 anos), despertando o interesse dos pesquisadores em psicologia. Minha equipe de pesquisa já havia coletado algumas evidências que apontavam para a relevância que os dispositivos eletrônicos tinham na vida de crianças e adolescentes, e suas interações com os adultos. Estas primeiras publicações evidenciaram as concordâncias e discrepâncias entre adolescentes e pais em relação a vários aspectos relacionados ao uso da

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia (UdG). Professora e pesquisadora do Instituto de Investigaciones sobre Calidad de Vida (IRQV) na Universitat de Girona (Espanha). Coordenadora do ERIDIQV - Equipo de Investigación en Infancia, Adolescencia, los Derechos de los niños/as y su Calidad de Vida.

mídia entre crianças e pais, tais como a baixa satisfação em manter conversas com os pais sobre as diversas atividades realizadas com as tecnologias (CASAS; FIGUER; GONZÁLEZ; ALSINET, 2002), ou as discrepâncias percebidas em relação ao próprio uso informado e interesse dos adolescentes pelas tecnologias (computador, televisão, videogames, telefone celular...) e as atribuições desses usos e interesses da própria criança, conforme relatado pelos pais. (CASAS; GONZÁLEZ; FIGUER; MALO, 2007). Por que os adolescentes relataram que falar de tecnologias não era um tema comum aos adultos? Poderíamos confirmar a existência de culturas da mídia adolescente que eram diferentes das dos adultos? Responder a estas perguntas, entre outras, foi o gatilho para focar minha primeira pesquisa no uso de telefones celulares.

Por que o telefone celular? Porque alguns dados de pesquisas nacionais (incluindo a nossa) (NAVAL; SÁDABA; BRINGUÉ, 2003) e outros estudos internacionais (LING, 1999) descobriram que este dispositivo havia se tornado o preferido entre a população mais jovem porque oferecia a possibilidade de melhorar a interação entre os pares, mostrando o poder e o status do grupo através do impacto na construção da identidade e da autoestima, e também permitindo que eles se diferenciassem do grupo adulto. A importância da socialização no grupo de iguais (Teoria da Socialização em Grupo) foi um aspecto introduzido por Judit Rich Harris (1995), e embora seus primeiros escritos tenham sido controversos no mundo científico, mais tarde pôde ser demonstrado que, de fato, houve processos de socialização que não ocorreram com adultos, mas sim entre iguais. No mundo das NTIC tudo indicava que, devido à baixa competência autopercebida dos pais em relação ao novo mundo tecnológico, nossos jovens estavam descobrindo e aprendendo este uso com os amigos, sem ter modelos adultos para orientá-los neste processo. Parafaseando uma das reflexões de minha tese, do livro de Harris (2003), *O Mito da Educação*, "a socialização nos primeiros anos de vida dos mais jovens consiste em aprender que eles não têm que se comportar como seus pais". (MALO, 2009, p. 17). Mais tarde, retomaremos este tópico para explorar as implicações que este fato pode ter para sua socialização, introduzindo-nos ao mundo dos riscos e oportunidades em relação ao uso dos meios audiovisuais.

Para compreender profundamente este complexo fenômeno social, foi necessário aprofundar os modelos teóricos que então – e ainda hoje – nos permitem abordá-lo. Sem dúvida, um dos autores mais visionários neste campo foi Marshall McLuhan. (MCLUHAN; FIORE, 1967). Em meados do século XX – quando ainda não imaginávamos a expansão tecnológica que iríamos experimentar – ele já era capaz de fazer isso. A partir de seus aforismos sobre a mensagem, a massagem e a aldeia global, ele introduziu conceitos-chave sobre o poder que a mídia tinha em nossas vidas. (MCLUHAN, 1996). Nesta mesma linha, encontramos outros autores como: McCombs (1994) introduzindo a teoria do estabelecimento da agenda sobre como a mídia configurava o mundo ao nosso redor; Gerbner, Gross, Morgan e Signorelli (1980) com a teoria da Perspectiva de Cultivo acrescentando à anterior a idéia da mídia em direção à cultura; ou Katz, Blumler e Gurevitch (1974) com sua abordagem sobre a perspectiva psicológica dos usos e gratificações para explicar como as pessoas usam a mídia para gratificar nossas necessidades. Também não podemos deixar de citar outros autores muito relevantes que concentraram seu interesse no efeito que alguns meios audiovisuais – naquela época, a televisão e o computador – estavam tendo sobre as famílias e, sobretudo, sobre as crianças,

dando origem a duas correntes teóricas que coexistiram durante os anos 80 e 90: (a) defendida por Neil Postman (1983) e seus discípulos (Elkind, 1981 e Winn, 1983) sobre como a infância, como a conhecemos, está morrendo ou desaparecendo à medida que a mídia acelera sua entrada no mundo adulto; e b) a contribuição feita por Tapscott (1998) e outros autores como Katz (1997) ou Rushkoff (1996) que, embora concordem com os autores anteriores que os meios de comunicação estão contribuindo para desfocar a barreira entre o mundo dos adultos e o das crianças, estão comprometidos em compreender que os meios de comunicação são ferramentas que dão poder e liberdade aos jovens, transformando-os em uma nova geração eletrônica mais democrática e aberta do que a de seus pais. De forma sintética, embora não exaustiva, estes foram alguns dos fundamentos teóricos que sustentaram minha tese sobre o impacto do uso do telefone celular na vida dos adolescentes, há mais de uma década.

A seguir, apresento um resumo das principais conclusões a que pude chegar com a tese. Os participantes eram adolescentes de 12 a 16 anos de idade e seus pais, da Catalunha, aos quais foram administrados questionários em uma primeira fase, e com os quais algumas perguntas foram discutidas em profundidade a partir de grupos de discussão, em uma segunda fase. A análise mista destes dados, permitiu-nos destacar questões tais como

- Diferenças nas preferências de uso de tecnologias entre meninos e meninas, sendo as meninas os usuários por excelência do telefone celular, enquanto os meninos relataram um maior uso de videogames e computadores. Neste sentido, pudemos ver como: a) houve culturas de gênero no uso das NTIC, sendo o processo de socialização familiar de meninos e meninas, em geral, diferente e, portanto, estas se refletem em seus interesses tecnológicos (as meninas prestam mais atenção às tecnologias que facilitam as relações e a comunicação, enquanto os meninos parecem prestar mais atenção àquelas que promovem atividades com mais ação, como os jogos); e b) que estas culturas são mediadas por culturas geracionais, ou seja, não só os adolescentes usam mais tecnologias do que os adultos, mas estes últimos preferem e estão mais satisfeitos quando o fazem com seus pais.
- A necessidade de uma maior abordagem intergeracional, sobretudo no que diz respeito a manter conversas entre adultos e adolescentes sobre assuntos que os motivam e interessam tanto quanto as NTIC.
- Esta abordagem intergeracional envolve aceitar que as interações entre pais e filhos devem mudar no sentido de que:
  - As relações devem ser mais recíprocas e mais dinâmicas do que as propostas pelos modelos tradicionais de socialização, ou seja, o processo de aprender a fazer bom uso das tecnologias deve ser bidirecional: por um lado, os adolescentes contribuindo com sua experiência a respeito das múltiplas funções que podem ser

- desenvolvidas com as novas tecnologias e, por outro, os adultos como referências em seus processos de socialização.
- o Deve haver uma comunicação mais aberta sobre estas questões, embora os dados pareçam indicar que outras questões são priorizadas antes das tecnologias.
  - o Não há reconhecimento por parte dos adultos de sua própria "incompetência" digital ou tecnológica. Em vista disso, podemos observar alguns comportamentos de evasão ou desvalorização entre os pais.
  - o As teorias dos processos de diferenciação categórica (DOISE; DESCHAMPS; MUGNY, 1980) e a da socialização grupal (Teoria da Socialização Grupal de Harris, 1995) são muito úteis para desenvolver uma análise psicossocial do uso que os adolescentes fazem das NTIC.

Deve-se ter em mente que esta evidência foi a ponta do iceberg de uma questão que ainda hoje é complexa de entender e que, ao longo dos anos, vem transformando culturas jovens absolutamente mediatizadas (dando origem ao rótulo/representação social dos nativos digitais) e, acima de tudo, suas formas de interação social. E, no meio de todo esse turbilhão, encontramos os adultos (inclusive pesquisadores) que, embora um pouco mais adeptos da tecnologia (sendo rotulados como imigrantes digitais), estão atrasados em relação às rápidas transformações dos contextos sociais aos quais nossos jovens estão se adaptando como "peixe na água".

Outra das questões que vieram ao meu conhecimento após este primeiro estudo foi entender qual era a *percepção que os adolescentes e adultos tinham sobre os riscos e as oportunidades focalizadas no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação* (doravante TIC, eliminando o "N" de Novo porque neste ponto eles não são mais). Isto foi graças à coorientação de um estudo encomendado pela Prefeitura de Fuenlabrada em 2009 (Madri, Espanha), que buscou descobrir a que riscos e oportunidades os jovens estavam expostos quando utilizavam as TIC e, por sua vez, como estes eram percebidos pelos adultos (profissionais que trabalham com adolescentes). (MALO; GONZÁLEZ; CASAS, 2010).

Para abordar a questão dos riscos e oportunidades que o uso das TIC e das redes sociais pode oferecer aos jovens, é apropriado refletir primeiro sobre alguns pontos teóricos. Na minha opinião, é essencial fazer uma primeira parada no que os pesquisadores americanos Nicolas Cristakis e James Fowler descobriram com seus estudos sobre o contágio através das redes sociais. Em seu trabalho *Conectados* (CRISTAKIS; FOWLER, 2010), os autores partem do modelo teórico de Milgram (1963) do problema do pequeno mundo e da ideia dos seis graus de separação. A novidade que Cristakis e Fowler acrescentam a esta teoria é que, enquanto Milgram fala sobre a difusão de informações, eles o fazem sobre a difusão de influência, apoiando a tese de que, embora estejamos todos ligados uns aos outros por seis graus de separação, isto não significa que tenhamos influência sobre todas as pessoas que estão a uma certa distância social de nós. O que

suas pesquisas mostram é que o grau de influência das redes sociais se deve ao que eles chamam os três graus de influência. Tudo o que fazemos ou dizemos se espalha por nossa rede e tem algum impacto sobre nossos amigos (1 grau), sobre os amigos de nossos amigos (2 graus) e até mesmo sobre os amigos dos amigos de nossos amigos (3 graus). Nossa influência se dissipa gradualmente e não tem mais nenhum efeito além dos três graus de separação. Outro elemento interessante que emerge de seu estudo é que as redes sociais têm duas propriedades básicas, conexão e contágio, e ambas produzem efeitos psicológicos sobre os indivíduos. A conexão se refere à estrutura da rede: quem está conectado a quem. A forma da rede influencia como nos comportamos. Não apenas escolhemos com quem vamos, com quem nos relacionamos, mas a estrutura também nos afeta: por exemplo, se dois amigos meus não falam um com o outro, isso nos afeta. E, o contágio alude ao que está espalhado / flui através da rede. Temos a tendência de copiar o comportamento das pessoas a quem estamos ligados (exemplos: suicídio, fumo, comunicação não-verbal). Estas descobertas nos permitem compreender o enorme poder que as pessoas têm de influenciar os outros, seu comportamento, seus humores... através de nossa rede de relacionamentos porque todos nós estamos conectados.

Na mesma linha, alguns estudos têm mostrado o impacto que as informações que transmitimos pela Internet, a partir de nossas redes sociais, podem ter em nosso estado de espírito. Um exemplo é aquele realizado pelo Facebook com milhares de usuários manipulando as informações que apareceram no *New Feed*. (KRAMER; GUILLORY; HANCOCK, 2014). O estudo encontrou várias evidências que devem ser levadas em consideração ao estudar os riscos e oportunidades relacionados ao uso de redes sociais: a) quando a informação positiva sobre si mesmo aparece na rede (nova alimentação), a porcentagem de palavras positivas na descrição dos estados das pessoas diminui, e as palavras negativas aumentam (e, vice-versa, quanto menos informação negativa, mais frequente o aparecimento de palavras positivas); e b) comportamentos não-verbais não são necessários para que o contágio social ocorra: o conteúdo textual parece ser suficiente. Estes resultados interessantes concordam com alguns dos postulados de Sherlyn Turkle (2011) nos quais parece que a exposição à felicidade de outros em redes sociais pode causar efeitos negativos sobre nós (por exemplo, depressão) e produzir o efeito de comparação social que o autor chama de "alone together". Outra autora que se destaca no estudo do uso de redes sociais entre os jovens é Danah Boyd e seu livro *It's complicated* (2014). Boyd estudou o comportamento de centenas de jovens ao longo do tempo para entender como eles utilizam as redes sociais. A partir deste livro vale a pena considerar o debate que Enrique Dans oferece sobre o que é verdade sobre o rótulo que os jovens receberam como "nativos digitais" simplesmente por terem nascido na era digital. (DANS, 2014).

Mas, sem dúvida, uma das pesquisadoras mais reconhecidas internacionalmente por sua abordagem ao estudo dos riscos e oportunidades associados ao uso das TIC em crianças e adolescentes é Sonia Livingstone, coordenadora da rede multinacional EU Kids Online. Neste sentido, Livingstone e Haddon (2009) propõem uma visão interessante e integradora para analisar quais podem ser os riscos e oportunidades, com base em um eixo triplo de análise, dependendo se a criança ou adolescente é: a) o receptor do conteúdo, b) o participante ou contato, e c) o ator que realiza o comportamento. Com base neste posicionamento em que a criança é colocada em uma ou outra função, os riscos e oportunidades são classificados. Como exemplo,

se considerarmos que as TIC podem oferecer a oportunidade de "educar, aprender e tornar-se digitalmente alfabetizado", se o protagonista for um receptor de conteúdo, isto deve permitir-lhe utilizar recursos educacionais na rede, se for um participante, deve permitir-lhe contatar outras pessoas com quem compartilha interesses, e se for o ator, pode mostrar iniciativa para aprender de forma colaborativa. O mesmo aconteceria com os riscos: se considerarmos a "agressividade" como um risco, se a criança for um receptor, ela poderia ter acesso a conteúdo não adequados à sua idade (sexo, ódio), se for um participante, ela poderia estar sujeita a algum tipo de violência, como cyberbullying, e no caso de ser um ator, seria ele quem exerceria esse tipo de violência sobre outras pessoas. Acredito que esta abordagem, totalmente focada na criança como protagonista, nos permite ir um passo além das classificações mais padronizadas que existem sobre os riscos e oportunidades associados ao uso das TIC. Neste sentido, a mesma autora, através de suas pesquisas, destaca a frequência com que as preocupações dos adultos com os riscos (sexting, bullying, pornografia) não incluem outras preocupações que as crianças têm na rede. (LIVINGSTONE; KIRWIL; PONTE; STAKSRUD, 2013).

Ao longo destes anos de pesquisa, o mundo das tecnologias avançou muito rapidamente e, com estas mudanças, seus usos e os contextos relacionais nos quais elas ocorrem também foram transformados. Um exemplo disso é a transformação do telefone celular em termos das novas oportunidades tecnológicas (aplicações) que ele oferece, criadas para manter a população alvo por excelência – adolescentes – mais ativa e interessada. Não é mais um dispositivo no qual suas principais ferramentas de comunicação são chamadas ou mensagens de texto, mas estas se tornaram smartphones que oferecem uma ampla janela para o mundo da conexão on-line com outros através de redes sociais. É assim que o celular se torna a grande "mídia social" que permite à população reunir em um único dispositivo praticamente toda a agenda vital (calendário, e-mail, cartões de crédito, acesso a múltiplos aplicativos, redes sociais...). Portanto, para os adolescentes, o celular tornou-se, acima de tudo, o acesso mais comum às redes sociais, sendo inicialmente a plataforma de entrada no Facebook e, mais recentemente, outras como Instagram, Youtube, Whatsapp ou TikTok. O impacto do uso de redes sociais nos jovens tornou-se um campo de pesquisa que produziu uma enorme quantidade de publicações nos últimos anos, muitas delas explorando o impacto negativo que seu uso pode ter sobre o desenvolvimento psicossocial desses jovens.

A pesquisa mais recente realizada pela pesquisadora ERIDIQV Mercedes Martín-Perpiña está na mesma linha com sua tese (MARTÍN-PERPIÑA, 2019), que ela pôde co-dirigir. O objetivo era explorar o impacto do uso excessivo das TIC e das redes sociais nos adolescentes (11 a 18 anos de idade) nas variáveis de personalidade e contexto social, bem como o impacto do mediamultitasking nas funções executivas e no desempenho acadêmico. Os principais resultados são publicados e podem ser consultados para detalhes. (MALO; MARTÍN-PERPIÑA; VIÑAS, 2018; MARTÍN-PERPIÑA; VIÑAS; MALO, 2019a; MARTÍN-PERPIÑA; VIÑAS; MALO, 2019b). Neste capítulo, darei ênfase especial aos resultados mais estreitamente ligados à psicologia social, os mais estreitamente relacionados ao meu campo de pesquisa:

- Observa-se que os membros da família são uma importante fonte de modelagem no consumo dos próprios adolescentes. Mais da metade da amostra de adolescentes relatam um nível bastante alto ou muito alto de consumo de TIC e redes sociais. Esta mesma categoria de consumo é atribuída aos irmãos, enquanto as mães são vistas como consumidores médios e os pais como consumidores baixos, em geral. A regulamentação do consumo através de padrões de uso de TIC em casa é escassa, já que quase 60% da amostra indica que eles não têm padrões em casa.
- Se perguntarmos aos jovens sobre possíveis problemas ou consequências negativas que eles possam ter experimentado com o uso das TIC, quase metade indica que eles tiveram problemas com seu desempenho escolar, seguido de problemas com os pais e amigos. E, o que mais os tem afetado é que eles passam mais horas do que o normal os usando, fazendo uso excessivo deles.
- Em relação a este uso excessivo ou problemático das TIC e redes sociais, observamos uma prevalência de 14,5% no caso das TIC e 12,8% nas redes sociais, sendo estes valores bastante semelhantes aos encontrados em outros países europeus. Os fatores de risco do uso excessivo de tecnologias estão relacionados à alta impulsividade, sendo jovens, percebendo o alto apoio social e percebendo o alto consumo por parte dos irmãos. No caso das redes sociais, o uso destas para se divertir e, novamente, ser uma menina e perceber um alto consumo entre os irmãos. Por outro lado, ter um alto autoconceito, ser responsável e ter regras em casa são considerados fatores de proteção.
- A multitarefa ou mediamultitasking é uma atividade muito comum entre os adolescentes, especialmente durante o trabalho escolar. Tem sido observado que ouvir música, enviar mensagens com o celular e usar as redes sociais são as atividades que os adolescentes fazem com mais frequência enquanto fazem seus deveres de casa. Há também uma relação entre ter um alto perfil multitarefa e o desempenho acadêmico, já que meninos e meninas, neste caso, percebem que obtêm notas piores em algumas disciplinas.

A partir destas conclusões, podemos dizer que para compreender a complexidade do que o uso excessivo ou problemático das TIC implica nesta idade é necessário analisar tanto as variáveis individuais quanto as sociais relacionadas ao seu contexto mais imediato. Parece que ser jovem pode ser um fator de risco maior quando se trata deste uso mais intensivo. Embora ambos os sexos estejam muito presentes nas

redes sociais, o tipo de uso que fazem ou como se comunicam e se relacionam através dessas redes parece ser diferente, e está ligado às culturas de gênero às quais nos referimos no início do capítulo. Não se deve esquecer que os fatores familiares ou o apoio social dos pares também podem contribuir tanto positiva quanto negativamente para o uso das TICs. Os pais (os cuidadores primários) continuam sendo o modelo de socialização primária mais importante e também na promoção do consumo tecnológico responsável.

Estas descobertas também foram a base para a seguinte proposta de ações de intervenção que poderiam ser aplicadas no ambiente familiar e escolar para promover o uso responsável e saudável das TIC:

- Em nível *pessoal*: alguns estudos mostram como a Inteligência Emocional (EI) é um poderoso preditor do comportamento abusivo das TIC (). Altos níveis de EI são um fator de proteção para evitar o uso de substâncias e proteger contra vícios comportamentais. Se entendemos EI como a "capacidade de reconhecer os próprios sentimentos e os dos outros, e a capacidade de administrá-los", é importante dedicar esforços para fomentar essa capacidade entre as crianças e adolescentes, pois isso lhes permitirá regular melhor a impulsividade, o imediatismo e o reconhecimento das emoções.
- A nível *familiar*: é essencial criar um clima de mídia familiar "saudável" e "rico em oportunidades". Isto pode ter a ver com ações tais como:
  - Para reforçar a ideia de que os membros da família (pais, irmãos) são modelos de socialização no uso responsável das TIC, e que este processo de aprendizagem ocorre em um sentido bidirecional, de pais para filhos e de filhos para pais.
  - Acordar e negociar em conjunto as regras para o uso das TIC em casa. Estudos parecem indicar que ter normas é um fator de proteção contra o uso excessivo das TIC.
  - Implementar a mediação ativa de adultos, o que significa poder "falar com crianças sobre o que elas fazem on-line", "sentar-se com elas quando estão on-line", "fazer atividades conjuntas com tecnologias", entre outros.
  - "Supervisionar" (ao invés de "controlar" ou "restringir") o uso que é feito com as tecnologias, acompanhando esta ação com explicações sobre as consequências derivadas de um bom ou mau uso.
  - Incentivar as crianças a serem autossuficientes no uso da tecnologia, ou seja, dando-lhes a oportunidade de regular seu próprio uso com o acompanhamento de adultos.
  - Favorecer espaços livres de TIC (Media Diet), e incentivar a diversificação das atividades de lazer.

- o Saber aproveitar melhor as oportunidades oferecidas pelas tecnologias, que são muitas e diversas, e "não criar alarme social", pois casos extremos (como vícios) não são generalizáveis a toda a população adolescente.
- Em nível *escolar*: ser capaz de criar um clima de mídia escolar "saudável" e "rico em oportunidades", revendo algumas das seguintes ações:
  - o Integrar a segurança on-line nas escolas e melhorar o desenvolvimento de habilidades digitais em todo o currículo.
  - o Garantir que os benefícios das tecnologias digitais cheguem a todas as crianças e adolescentes, evitando "desigualdades digitais" e promovendo a "inclusão digital".
  - o Garantir recursos para o treinamento de professores em competências digitais.
  - o Desenvolver políticas escolares em torno do uso saudável das TIC e ter protocolos de ação para situações de risco (por exemplo, cyberbullying).

Para concluir, gostaria de citar Henry Jenkins (2009) e destacar sua contribuição ao conceito de Alfabetização da Nova Mídia (New Media Literacy), que deve ser entendida como um conjunto de habilidades sociais, referindo-se à maneira de interagir em uma comunidade mais ampla (cultura participativa), e não apenas como uma habilidade individualizada de expressão personalizada. Isto significa que a educação para a mídia no século XXI deve concentrar seus esforços em ensinar crianças e adolescentes a serem competentes para trabalhar em redes sociais, compartilhar conhecimentos dentro de uma inteligência coletiva, negociar considerando a diversidade cultural e ser capaz de discriminar entre várias informações para construir uma imagem coerente do mundo ao seu redor.

## REFERÊNCIAS

- BOYD, D. It's complicated. The social live of networked teens. UK: Yale University Press Books, 2014.
- CASAS, F.; FIGUER, C.; GONZÁLEZ, M.; ALSINET, C. ¿Qué coincidencias y discrepancias tienen los jóvenes y sus padres ante los medios?. *Comunicar*, 18, 47-52, 2002.
- CASAS, F.; GONZÁLEZ, M.; FIGUER, C.; MALO, S. Los medios audiovisuales entre los progenitores y los hijos e hijas. *Cultura y Educación*, v.19, n.3, 1-20, 2007.
- CRISTAKIS, N.; FOWLER, J. H. Conectados. El sorprendente poder de las redes sociales y cómo nos afectan. Madrid: Santillana, 2010.
- DANS, E. El absurdo e infundado mito del nativo digital, 2014. Disponível em: <http://www.enriquedans.com/2014/06/el-absurdo-e-infundado-mito-del-nativo-digital.html>.

- DOISE, W.; DESCHAMPS, J. C.; MUGNY, G. *Psychologie sociale expérimentale*. Paris: PUF, 1980. (Trad. castellano: *Psicología social experimental*. Barcelona: Hispano Europea).
- ELKIND, D. *The hurried child: growing up too fast too soon*. Reading Mass, Addison Wesley, 1981.
- GERBNER, G.; GROSS, L.; MORGAN, M.; SIGNORELLI, N. The “Mainstreaming” of America: violence profile, n. 11. *Journal of communication*, v.30, n.3, 10-29, 1980.
- HARRIS, J. R. Where is the child's environment? A group socialization theory of development. *Psychological Review*, 102, 458-489, 1995.
- HARRIS, J. R. *El mito de la educación*. Barcelona: Debolsillo, 2003.
- JENKINS, H. *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. MacArthur Foundation, 2009. Disponible em: [https://www.macfound.org/media/article\\_pdfs/JENKINS\\_WHITE\\_PAPER.PDF](https://www.macfound.org/media/article_pdfs/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF).
- KATZ, E.; BLUMLER, J. G.; GUREVITCH, M. Utilization of media communication by the individual. In: DINS; BLUMLER, J.G; KATZ, I. E. (Org.). *The uses of mass media: current perspective on gratifications research*. Beverly Hills, CA: SAGE, 1974.
- KATZ, J. *Virtuous reality: how American surrendered discussion of moral values to opportunists, Nitwits and Blockheads like William Bennett*. Nova York: Random House, 1997.
- KRAMER, A.; GUILLORY, J. E.; HANCOCK, J. Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks. *PNAS*, v. 111, n. 24, 8788-8790, 2014. Disponible em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1320040111>
- LING, R. Los escenarios del teléfono entre los jóvenes. *Revista de Estudios de Juventud*, 46, 67-79, 1999.
- LIVINGSTONE, S.; HADDON, L. *EU Kids Online: final report 2009*. EU Kids Online, Deliverable D6.5. EU Kids Online Network, London, UK, 2009.
- LIVINGSTONE, S.; KIRWIL, L.; PONTE, C.; STAKSRUD, E. *In their own words: what bothers children online? with the EU Kids Online Network*. EU Kids Online, London School of Economics & Political Science, London, UK, 2013.
- MALO, S. *Cultures mediàtiques adolescents: Un estudi psicosocial centrat en el telèfon mòbil*. Servidor de tesis doctorals en xarxa (TDX), 2009. Disponible em: <http://www.tdx.cat/TDX-0223109-134709>.
- MALO, S.; MARTÍN-PERPIÑÁ, M. M.; VIÑAS, F. Excessive use of social networks: Psychosocial profile of Spanish adolescents. *Comunicar*, v. 56, n.3, 101-109, 2018. Disponible em: <https://doi.org/10.3916/C56-2018-10>.
- MALO, S.; CASAS, F. Y.; GONZÁLEZ, M. Riesgos y oportunidades asociados al uso de las TIC: Reflexiones sobre la privacidad de la juventud en Internet. *Entrejóvenes*, 113, 32-33, 2010.
- MARTÍN-PERPIÑÁ, M. M.; VIÑAS, F.; MALO, S. Media multitasking impact in homework, executive function and academic performance in Spanish adolescents. *Psicothema*, v.31, n.1, 81-87, 2019a. Disponible em: <https://doi.org/10.7334/psicothema2018.178>
- MARTÍN-PERPIÑÁ, M. M.; VIÑAS, F.; MALO, S. Personality and social context factors associated to self-reported excessive use of Information and Communication Technology (ICT) on a sample of Spanish

- Adolescents. *Frontiers in Psychology*, 10, 1-11, 2019b. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00436>
- MARTÍN-PERPIÑÁ, M. M. Uso excesivo de las TIC y las redes sociales y media multitasking en adolescentes: estudio sobre su relación con la personalidad, el contexto social y las funciones ejecutivas. Programa de Doctorat en Psicologia, Salut i Qualitat de Vida (Universitat de Girona). Tesis Doctorales en Red (TDX), 2019. Disponível em: <https://www.tdx.cat/handle/10803/669782#page=1>
- MCCOMBS, M. News influences on our pictures of the world. In.: DINS I.; BRYANT I. D.; ZILLMANN, D. (Org.). *Media effects*. Hillsdale, NJ: LEA, 1994. p. 1-16.
- MCLUHAN, M. *Comprender los medios de comunicación. Las extensiones del ser humano*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1996.
- MCLUHAN, M.; FIORE, Q. *El medio es el masaje. Un inventario de efectos*. Barcelona: Paidós, 1967.
- MILGRAM, S. Behavioral Study of Obedience. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v.67, n.4, 371-8, 1963.
- NAVAL, C.; SÁDABA, C.; BRINGUÉ, X. Impacto de las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) en las relaciones sociales de los jóvenes navarros. Gobierno de Navarra. Instituto Navarro de Deporte y Juventud, 2003. Disponível em: <http://www.unav.es/noticias/textos/141103-02.html>.
- POSTMAN, N. *The disappearance of childhood*. Londres: W.H. Allen, 1983.
- RUSHKOFF, D. *Playing the future: how kid' culture can teach us to thrive in an age of chaos*. Nova York: Harper Collins, 1996.
- TAPSCOTT, D. *Growing up digital: the rise of the net generation*. Nova York: McGraw Hill, 1998.
- TURKLE, S. *Alone Together*. Basic Books, 2011.
- WINN, M. *Children without childhood*. Harmondsworth: Penguin, 1983.